



Luto no judaísmo amazônico

EDITORIAL

O editor deste periódico, David Salgado, já havia pautado para uma das próximas edições uma entrevista com o professor Samuel Benchimol, em que abordaríamos a vida e a obra desse grande amazônida. Iríamos a Manaus realizar essa importante tarefa. Na sexta-feira (06/07), o David me liga e, de chofre, diz que a entrevista vai ficar para o OLAM HABÁ, porque o professor Samuel acabara de falecer. Pedi-me então que escrevesse este editorial.

Samuel Benchimol resgatou-nos trechos vivos e inteiros de

nossa história, não com aquela erudição oca, mas com uma profunda percepção auferida da vivência dos fatos e por ele transformados em experiências que, de tão forte potencialização, foram capazes de provocar, em cada um de nós, o reconhecimento de nossa própria herança.

Num mundo pontilhado pelo etnocentrismo, em que a maioria das pessoas considera que o mundo nasceu na Grécia e com os gregos, levar uma bicentenária comunidade judaica ao auto-reconhecimento é função específica e insubstituível de um autêntico intelectual orgânico, nascido, criado e formado no seio de sua própria comuni-



Samuel Isaac Benchimol Z'L n.

dade, assimilando seus valores e absorvendo seu modo de pensar e agir. Samuel Benchimol repensou nossa comunidade, elevou-a ao ápice de nossa consciência e no-la devolveu inteira para prosseguir a função histórica que lhe cabe.

Com o falecimento de Samuel Benchimol perde a cultura amazônica um de seus mais lídimos formuladores e intérpretes, o estudioso penetrante e clarificador do processo histórico e da atividade criadora do homem, sempre mergulhando profundo em nossas raízes em busca de nossa universalidade. Judaicamente, numa abordagem culturalista, foi, ao lado do notável tanjauí-

-itaitubense, Abraham Ramiro Bentes, o criador de nossa identidade cultural judaica sefardita amazônica. A esse duo de intérpretes do judaísmo amazônico nosso mais efusivo CAVOD.

Ao dedicar ERETZ AMAZÔNIA aos seus jovens netos, Samuel Benchimol o faz "Na esperança de que a memória, a identidade e a herança judaicas continuem na Amazônia do terceiro milênio". Que assim seja, professor!

Inácio Obadia
Amazônia Judaica



A educação é destaque na entrevista com Danny Wolach

♦ Página 7

Sultana Rosenblatt e a intrigante história de Michal

♦ Página 5

Isaac Dahan relata a fantástica história de Rabi Moyal Z'L

♦ Página 4

Na visão de Mário Antonio Susmman, o resurgimento do anti-semitismo

♦ Página 3

Ativos biológicos amazônicos para aplicações em cosméticos, fitoterápicos e alimentícios

ÓLEOS ESSENCIAIS, ÓLEOS FIXOS, EXTRATOS VEGETAIS E CORANTES



MAGAMA INDUSTRIAL LTDA - Fone: (XX92) 618-5113 Fax: (XX92) 618-5103 End: Estrada do Aleixo S/N Ramal da Alba Cep: 69060-000 Manaus - AM Brasil e-mail: magama@magama.com.br

Bush, Rousseau, e um bebê

→ ISAAC BENTES
Especial para o AJ

O presidente dos Estados Unidos, George Walker Bush, trouxe a público importante contribuição para a busca da paz no Oriente Médio, na forma de um plano destinado a assegurar instituições políticas democráticas sólidas, aos palestinos. Após a implementação desses pressupostos julgados indispensáveis, seria assegurada a criação de um Estado, que nasceria assim sob o pálio da legalidade e da soberania popular (ou o mais próximo possível disso).

A intenção não poderia ser melhor. Provado está que o moderno regime democrático constitui a forma mais adequada de organização estatal, a que melhor assegura a prevalência dos valores humanos supremos sobre toda forma de obscurantismo.

Mas o ilustre presidente decerto não ignora que há alguns séculos fez-se em seu país uma revolução em luta pela liberdade, a qual culminou em reformas políticas que até hoje marcam a história da humanidade. Detrás daqueles homens formidáveis, todo um acervo cultural permitiu a montagem de instituições que lançaram as bases do que hoje constitui o moderno Estado de Direito.

Relevavam, entre outras, as idéias do filósofo francês Jean-



A assinatura do Tratado Paz Israel-Egito em Camp Da-

-Jacques Rousseau, o qual à época tanta influência exerceu nos corações e mentes americanos, que foi necessário um gênio local se lhe contrapor para permitir a passagem da embrionária confederação para uma verdadeira e sólida federação, passo inelutável na evolução histórica do gigante continental.

Pois Rousseau ensinou, entre outras coisas, que "o instituidor sábio não começa por redigir leis boas em si mesmas, mas antes examina se o povo a que se destinam mostra-se apto a recebê-las"¹.

Estaria o povo palestino pronto, disposto ou desejoso de instituir um regime político nos moldes propostos pelo presidente Bush?

Tendo vivido sempre sob regimes autoritários, centralizadores, haveria viabilidade em erigir um Estado palestino de-

mocrático, de feição ocidental?

E mais, com uma história recente de exaltação ao martírio, à violência, e vilipêndio dos mais mezinhos bens e direitos individuais (a partir do direito à vida), qual o clima para propiciar o almejado surgimento?

Nesse campo, não custa recorrer novamente a Rousseau, quando dizia: "a obra da legislação torna-se difícil menos pelo que é preciso estabelecer do que pelo que é preciso destruir..."².

Todo um arcabouço de terror, de mistificações e séculos de opressão não são apagados assim, por um discurso, por melhor que seja (e ainda que de veras forte aquele que o profere).

Haveria gravado, nos corações dos palestinos, esse anseio por democracia, por instituições como as preconizadas

pelo presidente Bush?

Lamentavelmente, nada o indica. Bem ao revés.

O filósofo francês, sempre um precursor, o foi também na atribuição de subida importância à educação de um povo, para propiciar seu desenvolvimento não apenas econômico, mas sobretudo político.

No caso dos palestinos, e dos habitantes de países árabes em geral, há muito vem se disseminando uma cultura educacional pública racista, marcadamente anti-semita, mas não menos acentuadamente anti-ocidental, que vai de encontro a tudo aquilo que o presidente Bush, Rousseau, e os founding fathers poderiam preconizar.

Exemplo mais chocante desse cultivo do ódio, veio recentemente, com a descoberta da foto de um bebê fantasiado, não de homem-aranha, Ronaldinho, Lawrence da Arábia, tintim ou cebolinha, mas de homem-bomba, esse infável ídolo de uma nação que por sua imagem diz mais que mil palavras, sejam elas minhas, leitor, suas, do presidente Bush, ou de Rousseau.

1 Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político, Livro Segundo, Capítulo VIII.

2 Idem, idem, Capítulo X.



O governador do Estado deu um banquete para o qual convidou líderes civis e religiosos, inclusive o rabino e um cardeal. O chefe de cozinha, apesar de não ser judeu, era uma pessoa de muita consideração e se empenhou em conseguir comida casher para o rabino. Mas o cardeal estava mesmo era a fim de caçar do colega judeu.

- Coma um pedaço de porco, rabino - disse o cardeal. - E experimente um pouco deste presunto, também.

- Vossa Eminência - respondeu o rabino - certamente sabe que nosso povo não pode comer alimentos que não sejam casher.

- Que pena! - sorriu o prelado. - É uma delícia! O senhor não sabe o que está perdendo.

Após o jantar e os discursos de praxe, o rabino se voltou para o cardeal e disse:

- Vossa Eminência - ele disse com naturalidade - por gentileza, dê minhas saudações à sua esposa.

O cardeal ficou estupefato.

- Você não sabe que um homem da Igreja não pode ter esposa?

- Que pena! - sorriu o rabino. - É uma delícia! O senhor não sabe o que está perdendo.

RECEBIDAS

Sou jornalista judeu do Rio de Janeiro e colaborador de alguns veículos da mídia judaica do Rio e São Paulo, responsável pela produção do conteúdo noticioso da revista Morashá e correspondente da Jewish Telegraphic Agency (JTA) no Brasil e Portugal. Temos grande interesse em saber mais a respeito do Amazônia Judaica e recebê-lo aqui no Rio de Janeiro. Acho uma idéia excelente anunciarmos por aqui os acontecimentos aí "de cima".

→ **Marcus Moraes**
e-mail: marcus@infolink.com.br

Ficamos muito felizes em receber aqui em Israel o jornal "Amazônia Judaica" com notícias de Manaus e Belém, pois já estávamos sedentos de notícias das nossas comunidades. A idéia foi muito bem sucedida!

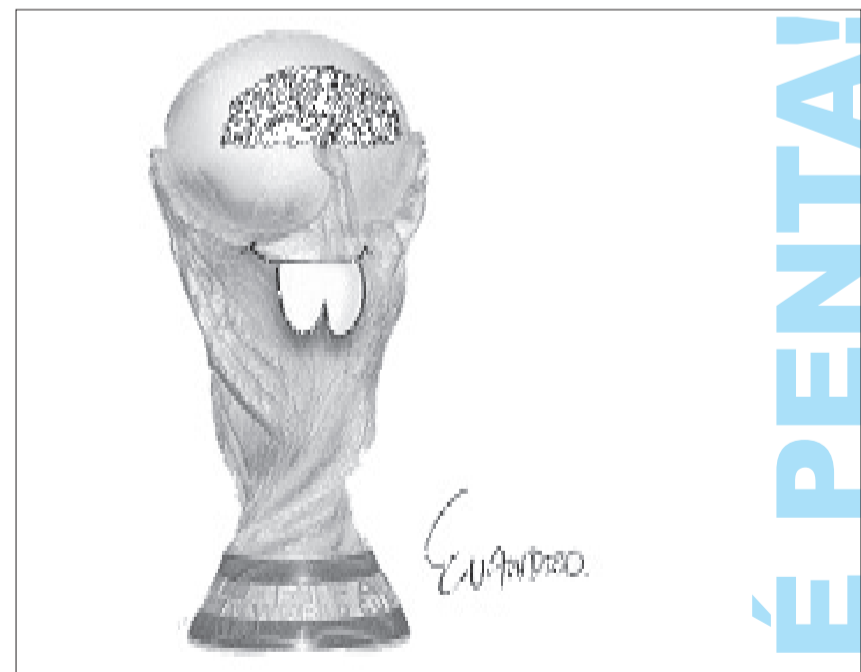
Meir Azulay
e-mail: msazulay@012.net.il

número deste precioso jornal. Desejo cumprimentá-los pelo belíssimo trabalho. É importante para o ishuv brasileiro, que todas as comunidades continuem mantendo informados seus correligionários. Esperamos que o mesmo continue a ser publicado.

José Vaintraub
Presidente da Federação Israelita do Estado de Minas Gerais

Foi uma enorme satisfação saber acerca do Jornal Amazônia Judaica, o qual considero uma excelente iniciativa, da mais alta importância e que deve merecer apoio e colaboração de todos. Quero externar a vocês minhas melhores felicitações e votos de continuo êxito nessa empreitada.

Yehudá Benguigui
Washington DC - EUA.



É PENTAI!

Com muita satisfação que recebemos mais um

Jamazônia JUDAICA

O Jornal AMAZÔNIA JUDAICA é um órgão independente, mensal, para divulgação do judaísmo na Amazônia.
Endereço: Av. Gentil Bittencourt, 378 / 303 Cep.: 66.035-340 - Belém - PA.
Tel.: (91) 241-7656 - Fax: (91) 222-3184
e-mail: amazoniajudaica@interconnect.com.br

■ Diretor Geral
David Salgado Filho

■ Diretor de Redação
Rubem R. Serruya

■ Conselho Consultivo
Jacob Messod Benzecry; Elias Pazuello; Ramiro Bentes; Marcos David Nahon; Moisés Elmescany; Celso Neves Assayag e Morse Shimon Israel

■ Colaboradores
Raquelita Athias; Simone M. Salgado; Clara Azulay; Abraham Benmuyal; Mário Antônio Sussman; Marcos Serruya; Isaac Bentes; Isaac Dahan e Inácio Obadia
■ Arte e Impressão

■ Correspondentes em Manaus
Jorge Ney Bentes

Empresa Jornalística e Editora Gráfica M.M. & Lima Ltda.
Rua 28 de Setembro, 283. Fone: (91) 224-5301
Fone/fax: (91) 241-6219 - email: moraes@amazonline.com.br

■ Assinatura anual - R\$ 20,00 (vinte reais)
■ Preço do exemplar - R\$ 2,00

■ Os artigos assinados neste jornal, são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do AMAZÔNIA JUDAICA.

A lógica da insanidade

MÁRIO ANTONIO SUSSMAN
Especial para o AJ

Crugg Hines, do Houston Chronicle, escrevendo de Washington sobre o anti-semitismo contemporâneo, contou que mês passado um alemão disse-lhe que "se os Estados Unidos não se preocupassem tanto com os judeus ou com Israel, os atentados de 11 de setembro nunca teriam acontecido."

O embaixador francês na Inglaterra, Daniel Bernard, comentou em Londres dezembro último, que a "culpa" pelos problemas mundiais é "daquela porcaria de país que é Israel". Até aqui a grosseria foi geopolítica e continuou: "Por que o mundo tem que encarar a ameaça de uma 3ª. Guerra Mundial por causa dessa gente?" Na expressão "essa gente" já aflora o anti-semitismo, com a mesma expressão propagandística dos primeiros momentos dos nazistas no poder.

Em maio passado, a esposa do presidente do Banco Central Europeu, Gretta Duisenberg, em Amsterdã, pendurou bandeira palestina na janela e declarou que "as condições deploráveis da vida do povo palestino são culpa dos judeus ricos". O mesmo argumento usou Goebbels como causa do desemprego na Alemanha.

"Argumentar" contra existência de Israel e também contra a preocupação com os judeus que teriam provocado – e mal se esconde, "justificado" – a barbárie de 11 de setembro, é de desdobraimento claro quase que permanente no Ocidente nos últimos milênios, apenas com suspensão de poucas décadas depois da 2ª. Guerra: se os judeus não existissem o mundo não teria tantos problemas. Como existem...

O judeu italiano Pitigrili, em programa de TV, disse que os culpados pela 2ª. Guerra tinham sido os judeus e os ciclistas. Perguntaram: "Por que os ciclistas?" E ele: "Por que os judeus?"

Por outras palavras, não existe o petróleo no Oriente Médio que, entre inúmeras ocasiões, foi disputado pela Tríplice Entende e a Tríplice Aliança durante a 1ª. Guerra, conhecida apenas como a Grande Guerra até que se deflagrou a Segunda, com o esfacelamento do Império Otomano e os protetorados e mandatos que se seguiram curvando a região aos interesses econômicos e militares de países europeus. Ou o petróleo não tem nenhuma influência geopolítica ou se os judeus desaparecessem com eles evaporaria. Esta é a lógica da insanidade.



Ato pela paz contra o terrorismo e contra o anti-semitismo,

As partilhas pós-1918 desrespeitaram os territórios tribais, o único até então conhecido pelos árabes, com excelente narrativa de Thomas Edward Lawrence em "Os Sete Pilares da Sabedoria", muito mais profundo do que o ótimo filme "Lawrence da Arábia".

II

Oculto no impasse do Oriente Médio, a praga do anti-semitismo ressurge na Europa que se recusa a enfrentá-lo, meio quase direto de permitir que prospere graças à omissão. Muitas vezes sequer admitem a existência, o que é deixá-lo livre.

Sempre se soube da impossibilidade de retorno dos refugiados palestinos, confinados nos países árabes (onde se lhes negaram a integração e a cidadania) pela simples falta de espaço. Arafat, cuja autoridade se deteriora, admite "erro", quando houve intransigência e desprezo por alternativa viável, para minorar o sofrimento de seu povo, e agora aceita a proposta de Ehud Barak, que repudiou com arrogância, onde se deixava apenas três por cento das reivindicações palestinas para negociações diplomáticas com prazo certo. Talvez hoje seja demais para Israel.

Por conta da geopolítica muitos, despidoradamente, justificam Bin Laden e o anti-semitismo, sendo mais preocupante que não haja reação correspondente. Endossa-se por inércia.

III

À frase de Benjamin Franklin acrescentei último item e sempre cabe insistir: De certo na vida, apenas a morte, os impostos... e o anti-semitismo.

No guia turístico de 1929 da

Áustria, quatro anos antes de Hitler tornar-se chanceler, lia-se que "Schladming é mais visitada no verão e também por aqueles que gostam de praticar esportes de inverno. Os visitantes judeus são indesejados."

Ao contrário da lenda, o "Anschluss" (a anexação pela Alemanha sem que fosse disparado um só tiro) foi comemorado por praticamente todo o povo austríaco.

Há duas abordagens possíveis sobre o Oriente Médio: a racional-humanista, que não discrimina vítimas conforme o lado, e busca soluções possíveis, e a que usa o sofrimento como meio de reavivar o anti-semitismo, sempre em estado latente. Um brasileiro condenado nos Estados Unidos, como volta e meia a TV noticia, nada acarreta contra o nosso país. Um judeu que desliza traz ônus sobre a congregação religiosa.

Herman Goering, apontado como sucessor de Hitler, disse sobre os campos de concentração: "Não se preocupem. Chegará a hora em que o mundo vai enxergar estas coisas de forma diferente e o povo alemão também enxergará sob outra ótica. Quem sabe como as coisas serão em cinquenta ou cem anos?"

O que atemoriza na possibilidade de clarividência são intelectuais que justificam Bin Laden como "culpa dos americanos" e o anti-semitismo, como sendo causado pelos próprios judeus. Sequer inovaram: As vítimas são as culpadas!

P.S.: Outro dia escutei alguém de um dos bois de Parintins dizendo pela TV que "quanto mais regional, mais universal". A observação é de Ezra Pound, anti-semita. Concordo com a frase, mas é sempre bom citar a autoria.

Aldeia Global

Um estudo publicado por uma universidade americana recentemente, nos mostra um quadro bem interessante. Vamos a ele:

Se fosse possível reduzir a população do mundo inteiro a um vila de 100 pessoas, mantendo a proporção do povo existente agora no mundo, tal vila seria composta de:

- ◆ 57 asiáticos
- ◆ 21 europeus
- ◆ 14 americanos (Norte, Centro e Sul)
- ◆ 8 africanos
- ◆ 52 seriam mulheres
- ◆ 48 homens
- ◆ 70 não-brancos
- ◆ 30 brancos
- ◆ 89 seriam heterossexuais
- ◆ 11 seriam homossexuais
- ◆ 6 pessoas possuiriam 59% da riqueza do mundo
- ◆ 80 viveriam em casas inabitáveis
- ◆ 50 sofreriam de desnutrição
- ◆ 1 teria computador
- ◆ 1 (sim, apenas um) teria formação universitária.

Considere: se você acordou hoje mais saudável que doente, você tem mais sorte que 1 milhão de pessoas que não verão a próxima semana. Se nunca experimentou o perigo de uma batalha, a solidão de uma prisão, a agonia da tortura, a dor da fome, você tem mais sorte do que 500 milhões de habitantes no mundo.

Se você tem comida na geladeira, roupa no armário, um teto sobre sua cabeça, um lugar para dormir, considere-se mais rico que 75% dos habitantes desse mundo.

Se tiver dinheiro no banco, na carteira ou um trocado em alguma parte, considere-se entre 8% das pessoas com a melhor qualidade de vida no mundo.

Leão Azulay, é publicitário
E-mail: leaoazulay@ig.com.br



bemol A SUA MELHOR ESCOLHA
<http://www.bemol.com.br>

ESCRITÓRIO CENTRAL
Rua Miranda Leão, 41 - Centro-Manaus-AM
Fone: (02) 622-3575 - Fax: (02) 622-1354

BEMOL MATRIZ
Pra. Adalberto Vale, 3276 - Centro - Manaus-AM
Fone: (02) 622-4525 - Fax: (02) 633-1261

BEMOL AVENIDA
Av. Eduardo Ribeiro, 423 - Centro - Manaus-AM
Fone: (02) 622-3707 - Fax: (02) 633-2285

BEMOL SHOPPING
Av. Djalma Batista, s/nº - Loja 100 - Chapada - Manaus-AM
Fone: (02) 642-4114 - Fax: (02) 642-2326

BEMOL GRANDE CIRCULAR
Av. Autaz Mirim, 114 - Loja B-213 - São José II
Shopping Grande Circular
Fone/Fax: (02) 644-6555

BEMOL EDUCANDOS
Av. Leopoldo Peres, 11 - Educandos - Manaus-AM
Fone: (02) 629-3637 - Fax: (02) 629-3301

BEMOL BARROSO
Rua Saldanha Maranhão, 567 - Esq. c/ Rua Barroso, 211 - Centro
Manaus-AM - Fone: (02) 633-2322 - Fax: (02) 233-8890

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO
Rua Srª Isabel, 1297 - Cachoeirinha - Manaus-AM
Fone: (02) 633-1501 - Fax: (02) 633-1507

BEMOL PORTO VELHO
Rua Marechal Deodoro, 2275 - Centro
Fone: (69) 224-2711 - Fax: (69) 224-2877

BEMOL IGUATEMI BELÉM
Trax. Pá. Esultiquio, 1130 - Shopping Center Iguatemi Loja 120/124
Témo - Belém-PA - Fone: (91) 250-5400 - Fax: (91) 250-5407

BEMOL PONTA NEGRA
Av. Coronel Jorge Teixeira, 7581 - Loja 29
Fone: (02) 657-1122

NOVA LOJA NA CIDADE NOVA - MANAUS - AM

CASA REBELO
Alberto Rebelo e Cia. Ltda.
Materiais de Construção,
Ferragens em Geral
e Artigos para Pesca

Fones:
234-8462
233-3405
Fax: **633-2690**

Rua Barão de São Domingos, 73
Centro - Manaus - Amazonas

Rei **alomão Hotel**

Copa-Bar • Aptos c/ ar condicionado •
Banho Térmico • Geladeiras
Carpete • Telefone • Música Funcional
• Restaurante • TV a cores

Rua Dr. Moreira, 119 - Centro - Fone: (092) 234-7374 / 7200 / 7150 - Fax: (092) 232-8479 - Manaus-AM

TECIGRAM
AUDIO E VIDEO INFORMATICA

As melhores marcas de produtos importados:
PANASONIC, AIWA, CANON, H.P., SAMSUNG,
GOLDSTAR, SHARP, TECHNICS, YAMAHA,
PIONEER, PHILLIPS, TOSHIBA, GE E CARRIER

Agredecemos a preferência

Rua Dr. Moreira, 119 - Centro - Fone: (92) 633-1390 / 1582 / 232-2666 - Fax: (92) 633-2180 - Manaus-AM

A fantástica história de Rabi Shalom Emanuel Muyal Z'L

Trabalho apresentado durante o II Encontro Nacional do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro de 26 a 28/06/2002

→ISAAC DAHAN

Foi sepultado em Manaus, no ano de 1910, no cemitério São João Batista. Naquela época ainda não havia o cemitério israelita e nem comunidade completamente formada, o que ocorreu em 1928 após a inauguração da primeira Sinagoga e do cemitério. Cerca de noventa sepulturas judaicas que datam desde aproximadamente 1890 encontram-se no cemitério público do município. Todos estes jazigos foram tornados perpétuos em nome do Comitê Israelita do Amazonas, que desta forma, frente à dificuldade de trazê-los para o cemitério israelita e na ausência de parentes, procurou perenizar as kevurot, já que neste local, as sepulturas que não forem reclamadas em cinco anos são vendidas para outras famílias da cidade.

Pouco sabemos acerca de Rabi Shalom Emanuel Muyal Z'L.

Há algumas opiniões, entre as quais a do antigo chacham do ishuv Jacob Azulay Z"L, de que este Rabino veio fazer tzedaká para sua Yeshivá, sem precisar se ainda era em Marrocos ou já em Eretz Israel. Já nossa correli-gionária Alice Benchimol conta que lhe foi transmitido por seus pais que Rabi Muyal Z'L veio arrecadar fundos para um Hospital de crianças carentes que ele mantinha em Israel.

Foi acometido de uma grave doença vindo a falecer, provavelmente de febre amarela, já que naquela época (1910), ainda não tinha vacina contra esta virose. (A gripe espanhola, que fez milhares de vítimas, grassou inclusive na Amazônia somente em 1918). Os membros da comunidade fizeram um muro em volta de sua kevrá, como manda a tradição.

Conta-nos à veneranda senhora Zahra Aflalo, conhecida na comunidade como Dona

Dr. Isaac Dahan ao lado da sepultura de Rabi Muyal



A matzevá sobre o túmulo

Florzinha, que sua avó Cota Israel Z'L, que era avó também dos Israel de Manaus, Samuel Z'L, Meyr, Vidal Z'L, Elias, Déborah e Miriam, quando ainda nova, cuidou do Rabino em seus últimos dias de vida terrena, tendo ele praticamente falecido em seus braços. Para os leigos, essa doença

provoca uma total falência hepática, indo o indivíduo a óbito completamente icterico (amarelado) e edemaciado (inchado), provocando um certo temor, o que não intimidou a saudosa D. Cota. Pois bem, esta senhora, certamente pelo mérito de seu incansável zelo em oferecer ao Rabino uma melhor qualidade de vida em seus últimos momentos, passou a ter o dom de curar enfermos com distensões musculares, entorses, fraturas e problemas de coluna; suas mãos operaram curas importantes em doentes que sofriam destes males. Ela, que jamais

foi versada nesta área, diziam as pessoas, foi abençoada por D'us pelo que fez durante a doença do Rabino.

Com relação ao Rabi Muyal Z'L, o que se viu a seguir foi incrível. Sua tumba passou a ser lugar de peregrinação pela população de Manaus que o chama de "o santo judeu" capaz de operar milagres. Dezenas de placas por graças e curas alcançadas foram afixadas em volta de sua sepultura.

Na época do governo Beguin em Israel, o vice-ministro de comunicações de então, Ely Muyal, sobrinho do Rav, solicitou a possibilidade da transferência de sua sepultura para Eretz Israel. O Comitê informou da impossibilidade de se tomar tal atitude, o que causaria um grande mal-estar com a população da cidade; não pudemos sequer transferi-lo para o nosso

cemitério que fica ao lado.

O Comitê cuida constantemente não só de sua sepultura como também das quase noventa que permanecem no cemitério municipal. No dia da nahhalá (Yartsait) do Rabino e no período de Rosh Hashaná e Yom Kipur são feitas várias visitas à sua kevrá e assim, este importante local permanece sob a guarda da comunidade, porém aberto aos cidadãos do Amazonas.

Inúmeras reportagens já foram publicadas por importantes jornais dos EUA e Israel, além da imprensa judaica brasileira em jornais, revistas e televisão.

O autor é médico, ex-presidente do Comitê Israelita do Amazonas e atual
→ Shaliach Tsiibur da Comunidade

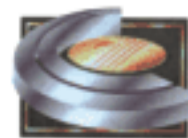
EV[®]
SEGUROS
242-1016

Seu futuro lhe pertence.

9985-3111
Miguel Athias

Fazendo sua previdência privada complementar com a EV Seguros você coloca em suas próprias mãos a responsabilidade de um futuro tranquilo. A EV tem linha direta com todas as melhores seguradoras do mercado. Você escolhe quanto quer investir, como vai fazer, por quanto tempo e o tipo de produto. A EV Seguros faz o resto.

BRASCOMP[®]
COMPENSADOR
DO BRASIL S.A.
Brascomp
Sua maior referência
em Compensados
250-3016
Distrito Industrial
Ananindeua - Pará



CORTEZ
CÂMBIO E TURISMO

PASSAGENS NACIONAIS E INTERNACIONAIS • TRAVELLER'S CHEQUES

SHOPPING CENTER POLYTHEAMA
Av. Sete de Setembro, 1199 - Centro
Fones (0xx92) 622-4222 / 2681 - Fax: (0xx92) 622-1452 - CEP 69005-141

AMAZONAS SHOPPING CENTER
Fone (0xx92) 642-2525 - Fax: (0xx92) 233-5830 - CEP 69050-010
Manaus - Amazonas - Brasil

MICHAL - Um amor infeliz

Michal tinha somente doze anos quando conheceu David. Herdara o porte e a beleza do pai (Saul era tido como o mais alto e mais belo homem de Israel), e ela, apenas saindo da infância, já seu corpo desabrochava adolescente. De natureza alegre, vivia sempre cantando, e a sua voz de timbre aflautado, atraía pássaros canoros que vinham em bandos fazer coro com ela.

...Era um daqueles dias apavorantes. Sombrio silêncio envolvendo o palácio, que estremecia quando os gritos angustiosos do rei ecoavam pelos corredores desertos. Inesperadamente ouviu-se melódiosos arpejos. E Saul calou-se. Voltou o burburinho usual. As duas princesas, Merab e Michal, intrigadas, vieram, por traz das cortinas, descobrir quem tocava a milagrosa música. Era um moço corpulento como um camponês, criado às leis da natureza, um filho do sol que lhe dourara a pele e tornara ruivos os seus cabelos. Michal olhava-o deslumbrada. Num momento a menina sentiu-se mulher. Seu coração que até aí só conhecera emoções infantis, pulsava desordenado. Não podia deixar de fitar o estranho harpista. Desejava aproximar-se dele, ouvir-lhe a voz. Nessa noite Michal não dormiu. E muitas outras noites, desde que viu David, permanecia insone, só pensando nele, envolvendo-o em cenas idílicas que a imaginação criava. Era o primeiro amor, com sorrisos e lágrimas, sem causa, com fantasias, esperanças e desenganos.

Então sucedeu o espetacular encontro de David com o gigante Golias. Só se falava no intrépido pastor que, sem o capacete, sem a couraça com que Saul o vestira e ele rejeitara por lhe estorvar os passos, de peito nu e tendo por arma apenas uma baladeira, atrevia-se a enfrentar o temível filisteu.

Era até irrisório e o máximo que se esperava da sua petulância seria que lê voasse pelos ares com um simples sopro do feroz gigante.

Refugiando-se sob a sombra das oliveiras, enroscada em si mesma, os cabelos desfeitos, a roupa em desalinho, em jejum por horas sem fim, Michal meditava. Se David morresse, ela não teria mais razão para viver. Mas se voltasse vitorioso iria atirar-se aos seus pés e declarar-se sua escrava.

E David voltou. Trazia nas mãos, pendurada pelos cabelos, a volumosa cabeça de Golias. Michal, ao vê-lo, instintivamente tentou correr ao seu encontro. Mas deteve-se. O mesmo amor que lhe inspirava sonhos audaciosos, refreava-lhe os impulsos e a envolvia em timidez. Escondia-se em presença do bem-amado. E David não a conhecia.

O povo exultava com a vitória do pastor arrojado. As mulheres saíram pelas ruas cantando: "Saul feriu os seus milhares. Porém David, as suas dezenas de milhares" – Michal cantava também, mas em surdina, temendo que a ouvissem e a delatasse ao pai. A canção enfureceu Saul. Via em David um rival. Urgia eliminá-lo. Tornou-se a sua constan-



te obsessão. Um dia, quando "assaltado por espíritos malignos" e David dedilhava a harpa para o acalmar, Saul alvejou-lhe a lança, tentando mata-lo. David porém desviou-se rápido, e a arma cravou-se na parede. Frustrado, o rei vingativo usou um estratagemma – mandaria David guerrear contra os filisteus (contando que estes o matassem) prometendo, como prêmio, dar-lhe em casamento Merab, sua filha mais velha. E lá se foi David lutar não com um só gigante, mas com milhares de homens ferozes, prontos para a desforra.

Foi então que Michal se desesperou de ciúme e angústia. Não podia sofrer a ruína de seus sonhos se David casasse com a irmã. Não podia aceitar a vida sem ele, se os filisteus o matasse. Mas nessa alternativa entre vê David marido de Merab ou morto, seu coração envenenado pelo ciúme chegava a desejar que ele morresse. E ela morreria também.

Aconteceu porém que Saul, tendo por certo que David não escaparia da sanha dos filisteus, quebrou o pacto pelo qual o casaria com Merab e a fez desposar o homem com quem já estava comprometida.

Para Michal foi um alívio e uma esperança renovada. Entretanto David voltou triunfante, trazendo as provas exigidas por Saul, de que exterminara com filisteus. Em vez de se rejubilar, o rei viu-se vencido. Com as vitórias e crescente popularidade de David recrudescia seu ódio. Planejou prepara-lhe outra armadilha, seguro que dessa ele não poderia escapar. Acabava de saber que Michal amava o jovem guerreiro. E Saul repetiu o pacto, insistindo que o relutante David aceitasse desposar sua segunda filha, Mical. – "Quem sou eu, pobre e humilde para me tornar genro do rei" – excusava-se David modestamente. Contudo, a proposta era sedutora. Não tanto pela noiva que lhe era oferecida, mas pela honra de se tornar membro da família real. Assim foi ele novamente para o

campo de batalha, confiante e despreocupado, como se fosse a uma floresta caçar animais indefesos para satisfazer as exigências do rei.

Antecipando os arautos que traziam a boa notícia, Michal foi correndo leva-la ao pai. David voltava trazendo não somente cem, mas duzentos comprovantes de filisteus liquidados. Pai e filha abraçaram-se chorando, Saul sentindo-se pusilânime, Michal radiante de alegria. Já se considerava esposa de David.

O casamento foi festejado sobretudo pelo povo. Cantava-se a união de uma linda princesa com um herói invencível. Porém Saul havia cedido a filha porque palavra de rei não volta atrás, mas permaneceu com a idéia fixa de se livrar do novo genro. Não deixou sequer que os noivos gozassem lua de mel. Quando novamente atacado pelos "maus espíritos" e David tocando harpa para o serenar, pela segunda vez procurou assassina-lo, atirando-lhe a lança. David milagrosamente escapou do atentado, e correu para a sua casa. Michal o esperava sobressaltada. Já sabia que o marido correria risco de vida se não fugisse para bem longe. David que enfrentava com destemor os combates com os filisteus, não ousava desafiar a ira de Saul. E Michal, sufocando o desespero do coração, para lhe salvar a vida, ajudou-o a saltar da janela e fugir. Nem podia segui-lo com a vista pelo negror da noite. E quando lhe pareceu que ele já ia longe, atirou-se na cama que não chegou a ser leito nupcial, gritando seu amado nome.

No dia seguinte vieram mensageiros de Saul incumbidos de levar David a sua presença. – "Está doente" – disse-lhe Michal e mostrou-lhes na cama um vulto sob cobertores.

Saul, sabendo do insucesso, esbravejou-se – "Voltem e o tragam doente mesmo para eu o matar" – Voltaram os homens dispostos a cumprir os ordens do rei. E descobriram que o suposto enfermo não era mais do que uma estátua,

com que ardilosamente Michal quis engana-los. David se fora para sempre.

Michal voltou a morar com o pai. Não era mais a moça alegre que vivia cantando. Sofria a humilhação de esposa abandonada. Consumia-se de paixão e saudade. Então Saul achou por bem dar-lhe um companheiro tencionando reanimá-la. E fez Michal casar-se com um moço de nome Paltiel. Um casamento ilegal, uma vez que ela não estava divorciada, e contra as leis da natureza porque, fiel ao seu amor, Michal não consentiu em consumir o consórcio. Viviam sob o mesmo teto, mantendo uma relação amigável, mas Paltiel curtindo por Michal o mesmo amor platônico que ela devotava a David, e Michal sempre o pensamento ausente, embalada pela esperança de que o bem amado voltasse.

Assim passaram vários anos. David já era rei de Judah. Já tinha seis esposas e com cada uma um filho. Da família de Saul existia somente Isboeth. Desavindo-se Isboeth com o capitão do exército de Saul, Abner, este propôs aliança a David. Foi então que David lembrou-se de Michal, e respondeu a Abner – "So verá minha face novamente quando me trouxeres de volta Michal, filha de Saul, que desposi em troca de cem filisteus" – David requisitava sua primeira esposa, não por amor, mas por ser ela propriedade sua, ou por estratégia política.

Aparentemente David não era de natureza caído por mulheres. Ele casava ou as tomava como concubinas, sob circunstâncias especiais, por dever de honra ou generosidade, senão presenteadas pelos próprios pais. Até mesmo a decantada Bathseba, não entrou na sua vida como uma história de amor. Um irreprimível impulso erótico despertado pela visão daquele corpo jovem banhando-se, exigiu que a possuísse. Como rei, seu número de esposas e concubinas era relativamente insignificante. Assim

vinha agora Michal apenas como uma ovelha a mais para o pequeno aprisco.

Abner desincumbiu-se da missão. Trouxe Michal, o coração transbordando felicidade, e ao lado dela Paltiel inconsolável, soluçando durante toda a jornada.

Para Michal, reatar seu casamento com David, era a realização de um maravilhoso sonho. Cedo porém despertou para a triste realidade. Não encontrou um lar. Sentia-se como hóspede de uma casa ocupada também por outras mulheres. Viviam tão distante de David na sua companhia, como vivera durante todos os anos que estiveram separados. Isolava-se, sem distrações nem algo que lhe interessasse.

Um dia Michal ouviu música e vozeiro na rua. Assomou a janela. Era a Arca que David transportava para Jerusalém acompanhada de "toda sorte de instrumentos como harpa, saltério, tamborins, pandeiros e cimbalos". E com surpresa ela viu David entre a gente que bailava e saltava. Todo o heroísmo, toda a realza, se diluiu ante seus olhos. Se ainda o amasse, ela sorrindo o aplaudiria, mas já não o amava e ante aquela cena que lhe pareceu ridícula e vulgar, recuou escandalizada. E o baniou do coração.

Mais tarde, quando o rei entrou em casa, Michal o enfrentou indignada: – "Bonito papel para um rei exibindo-se sem pejo em frente dos seus servís como se fosse um plebeu qualquer". – E David revidou – "Perante o Senhor que escolheu a mim e não a teu pai ou teus irmãos para ser rei de Israel, mais do que isto me humilharia.

Trocadas essas palavras mordazes, levantou-se entre eles para sempre uma parede de gelo.

Michal foi a única esposa de David que não lhe deu filhos. A única mulher que o amou espontânea e apaixonadamente. A única mulher que o repudiou.

Sultana Levy Rosenblatt
McLean, Va, Julho de 2002
Especial para o AJ

→

Os maiores clássicos em VHS e DVD disponíveis nos supermercados e lojas de departamentos, agora podem ser adquiridos pelo site: WWW.cusmosvideo.com.br

VOITA AS AULAS

É HORA DE FICAR FERA EM INFORMÁTICA!

BIT
company
Cursos de Informática

Av. Alm. Tamandaré, 1002-A
Tel.: 250-5560

TISHÁ BE'AV - período de reflexão

Tishá Be'Av, o nono dia do mês hebraico Av, é tradicionalmente um dia de luto. Alguém pode tentar compará-lo à "sexta-feira 13", por ser um dia de extrema má sorte ao longo da História Judaica. Esta não é, no entanto, uma comparação adequada, já que o Judaísmo não acredita neste tipo de sorte ou superstição, mas sim que, o homem é, em grande parte, senhor de seu ambiente e responsável por suas próprias ações.

Esta idéia é refletida na destruição dos dois Templos. O primeiro foi construído pelo Rei Salomão, uma vez que seu pai não teve permissão de construí-lo, por ter as mãos "sujas de sangue", pelas diversas guerras em que lutou. Não seria próprio para o Templo, um símbolo da Paz, ter sido construído por um guerreiro.

Ainda assim, o Primeiro Templo foi destruído em guerra, pelos babilônios, e o exílio resultante durou setenta anos. O Talmud relata que a razão para a destruição do Templo foi a busca dominante pela idolatria, imoralidade e crimes.

O Segundo Templo foi destruído, de acordo com as fontes da tradição, por uma única razão: "sinat chinam" - ódio sem moti-

vo. Acredita-se que as pessoas possuíam ódio umas das outras sem nenhuma razão, e não havia compaixão entre elas.

O Primeiro Templo durou 420 anos, enquanto o segundo durou 410. Durações com diferença de apenas dez anos. Dez é o número de judeus necessários para um minian (quórum mínimo necessário para uma reza, para uma comunidade judaica). A falta de compaixão e o ódio da época destruíram o senso de comunidade do Povo Judeu.

Pareceria que D'us deve ter visto as transgressões que destruíram ambos os Templos, no mesmo nível e, de fato, poderia ser argumentado que o ódio era uma ofensa mais grave (o primeiro exílio durou 70 anos, enquanto o segundo...)

O Judaísmo acredita que há dois tipos de mandamentos — os que regulam as relações interpessoais, e os que regulam a relação entre o indivíduo e D'us. São como duas pernas. Pode ser possível se sustentar com uma só, mas para dar um passo a mais na evolução espiritual, devemos nos sustentar nas duas ao mesmo tempo.

Se queremos fazer este dia relevante, devemos olhar para



nós mesmos claramente, independentemente de nosso passado, e nos perguntar o que fizemos para sobrepôr a enormidade da destruição.

Historicamente, este dia marca diversas tragédias:

- A idolatria ao bezerro de ouro.
- O retorno dos espiões da Terra Prometida, e seu relatório negativo - contrário à crença na habilidade de que D'us nos ajuda no mundo físico, e a rejeição da Terra de Israel como foco da nossa liberdade.
- 586 aEC - Destruição do Primeiro Templo pelos babilônios.
- 70 EC - Destruição do Segundo Templo pelos romanos e o início do Exílio.

- 135 EC - queda de Betar, o último reduto da Revolta de Bar Kochva. Centenas de milhares de judeus foram mortos ou exilados, neste período, e a última esperança de reconquistar a independência dos romanos foi destruída.

- 136 EC - Jerusalém foi destruída e a cidade romana de Aelia Capitolina estabelecida em seu lugar.

- 2 de Agosto de 1492 - os Judeus foram expulsos da Espanha.

- 26 de Julho de 1555 - O Gueto foi estabelecido em Roma. O Papa Paulo IV, força todos os judeus a se mudarem para uma área mal cheirosa próxima ao Rio Tiber. Os judeus foram forçados a pagar pelo muro que cercava o Gueto.

Muitos judeus usam o 9 de Av como um dia para parar e refletir na natureza da tragédia em geral,

e, mais especificamente, nas tragédias que recaíram sobre o Povo Judeu. É um período de reflexão e redescobrimto da unidade do Povo Judeu. Tradicionalmente, jejua-se de pôr-do-sol a pôr-do-sol, lê-se o Livro das Lamentações (atribuído ao Profeta Jeremias, que detalha os julgamentos e o terror da destruição do Primeiro Templo), e, além disso, abstem-se de atividades como ouvir música, sentar-se em cadeiras confortáveis e relações sexuais.

Há uma história de Napoleão relacionada a esta idéia de luto: Um dia, no dia 9 de Av, ele estava andando em frente a uma sinagoga e perguntou porque os judeus estavam se lamentando, e lhe foi dito que eles lamentavam a destruição do Templo. Quando ele foi destruído, perguntou Napoleão. Há 1800 anos, foi a resposta. Faça meus votos de que este povo tenha como destino sua própria pátria, pois já se viu outro povo manter vivo um luto e esperança similares por tantos anos?

Publicado no site www.netjudaica.com.br



Pai d'égua!



ENTREVISTA / DANNY WOLACH

Shaliach da Agência Judaica apresenta novo projeto educacional

Danny Wolach é argentino, natural da cidade de Córdoba. É de família judaica laica, apesar de seu avô materno ter sido Rabino e seu avô paterno professor de Hebraico. Fez Aliah aos 36 anos de idade, e em Israel viveu no Kibutz Magal onde dedicou-se à música. Foi Shaliach de curta temporada em alguns países como Rússia, México e Guatemala. Esta shelichut no Brasil é sua primeira experiência a longo prazo

→ Por ser a sua primeira shelichut a longo prazo, houve algum receio?

♦ A princípio hesitei em receber essa missão, achava que a língua portuguesa seria um temeroso obstáculo. Mas, refletindo melhor, seria mais um desafio em minha vida e resolvi aceitá-lo.

Como funciona esta transição de artista (músico) para educador?

♦ Não é fácil. Um artista tem domínio sobre si, pode escolher o que cantar e o tipo de música que vai compor. Mesmo tendo trabalhado como educador na música, não é tão fácil como parece esta função junto a Agência Judaica, que é uma Instituição enorme, com grande estrutura organizacional. Tive que aprender tudo desde o início, no entanto me considero uma pessoa bastante flexível e estou gostando muito do que estou realizando nestes últimos 7 meses aqui no Brasil. Acho que um israelense (sabrá) não entenderia com tanta facilidade como nós que viemos de uma comunidade da Galut (diáspora) e com mais possibilidade de se dar bem neste contexto. Eu diria que é mais difícil entender a Galut quando não se vem da Galut.

O que está achando da comunidade judaica de Belém?

♦ Em São Paulo me disseram que aqui havia uma comunidade diferente. – Olha, é verdade mesmo! Estive em um Bar Mitzvá, e fiquei muito impressionado com tudo que vi. É possível vivenciar judaísmo aqui, fica muito caracterizado a questão da comunidade Marroquina, pequena na verdade, porém com um judaísmo latente,

vivo, expressivo, ora na música, ora na dança ou na comida. Estou realmente muito impressionado.

Mas o senhor não acha que poderia ser ainda melhor? Quem sabe ao invés do músico com pronúncia equivocada por não conhecer o hebraico, tivéssemos uma banda de músicos da própria comunidade, não seria ainda mais latente nosso judaísmo?

♦ Veja bem, eu tenho uma visão geral das comunidades brasileiras que visitei e não vi nada parecido com o que estou vendo e aprendendo aqui. A mesma coisa em outras comunidades por onde passei. Nos Estados Unidos, por exemplo, me preocupa muito a assimilação que sinto não parece acontecer com tanta intensidade aqui, como acontece por aí afora, posso até estar enganado. Estamos vivendo num mundo globalizado, onde a influência de culturas ocidentais é enorme e, de repente, você chega a um lugar tão distante dos grandes centros e vê um Bar Mitzvá como esse que eu vi, percebe-se que a influência cultural externa aqui é restrita, e isso tem muito valor!

Certas coisas realmente impressionam. Mas talvez para nós que vivemos aqui nem tanto. O que se perdeu é muito mais do que se tem hoje. O problema é que não existe um projeto comunitário. O que a Agência Judaica tem a nos oferecer para tentar melhorar esta questão?

♦ Nós temos um projeto "Guesher" (Ponte). Nosso objetivo hoje, é fazer um trabalho junto às pequenas comunidades. Temos conhecimento que algumas instituições como o "Hagshamá" e a própria Agência Judaica através do Departamento de Aliah, estão

fazendo um trabalho aqui em Belém. Creio porém, que há muito espaço para o desenvolvimento de projetos. O nosso objetivo é fazer um trabalho mais sistemático e de continuidade. Vamos implantar em cada comunidade uma "referência", ou seja, um sheliach. Essa pessoa fará a "ponte" entre o ishuv e o nosso departamento. Já conversei com a Lana Pinto, presidente do CIP, sobre este projeto. O Sheliach, terá contato direto com ela e não com um grupo ou outro da comunidade. Ele virá a cada dois meses à Belém e trará consigo outros educadores, professores, palestrantes, músicos, materiais e tudo mais. O projeto pretende abranger todas as faixas etárias, e terá um início e continuidade com fixação de metas e objetivos.

Para Manaus, o que o senhor reservou?

♦ Como disse anteriormente, o projeto "Guesher" será estendido à todas as pequenas comunidades do país, inclusive Manaus. O único detalhe é que o Shaliach será outro, diferente. Os nossos profissionais nesta área, hoje, não dispõem de muito tempo livre para estarem em duas capitais, desempenhando suas funções numa mesma viagem. A intenção é que nossos shelichim não permaneçam apenas no final-de-semana e sim o tempo que for necessário, para realizar e cumprir o objetivo em questão naquela estadia.

Algum projeto a nível nacional?

♦ Sim. Temos o projeto "Zehut"-Identidade. A princípio, eu pensei em dar o nome a este projeto de "Seminário Sionista", mas a palavra Sionismo, ou tudo ligado a ela, parece causar um

H'adai

BOOKS

O judaísmo em livros

IMPERDÍVEL!!!

Grande promoção no mês de Julho. Venha conferir!

Aguardem, filial Manaus em breve.

LANÇAMENTO



Para muitos, a palavra Cabalá encerra, por si, a experiência mística por excelência. Nesta tradução do Sêfer Ietsirá, tido como o mais misterioso de todos os textos cabalísticos, o Rabino Arveh Kaplan traz à luz, implicações teóricas, meditativas e mágicas.

Tv. Dr. Moraes, 37 - Nazaré | Belém - PA
Fone: 55 91 223-4671 | Cep.: 66035-080

certo temor nas pessoas, principalmente no sul e sudeste. Não sei se aqui é assim... Meu objetivo com esse projeto, que por sinal, já está em andamento, é reunir um grupo de "bogram" provenientes de movimentos juvenis e professores de escolas judaicas, todos entre 20 e 30 anos, que após passarem por um seminário de preparação, apesar de serem jovens, possuem muita experiência na área educacional judaica e deverão transmitir, primeiramente em instituições formais, e posteriormente em sinagogas e outras organizações, através da educação informal (jogos, músicas, danças, teatro, etc) temas importantes tais como: identidade judaica, anti-semitismo, Israel hoje, conflito no Oriente Médio e demais assuntos que julgarmos necessários.

Qual o seu período de shelichut?

♦ A princípio 3 anos, mas posso ficar um ano mais.

Gostaria de mandar alguma mensagem especial para a comunidade?

♦ Gostaria apenas de dizer que na minha condição de músico, é muito importante para mim, poder transmitir educação judaica através da música.

A música é capaz de aproximar as pessoas e tornar um ambiente bem mais agradável. E finalmente, gostaria de dizer, que perceber que aqui existe um judaísmo latente, me fortalece muito pessoalmente, e ganho ainda mais força para dar continuidade ao meu trabalho.

Tomara que as comunidades saibam aproveitar a sua permanência no Brasil.

♦ Muito Obrigado. Todá Rabá.

Entrevista realizada no dia 06 de junho de 2002, pelo nosso colaborador Inácio Obadia

BARCESSAT
Imóveis
Consultoria Imobiliária
Venda • Aluguel • Administração
F: 259-2021 / 229-0014

HEBRON
TRANSPORTES DE CARGA LOCAL,
CONTAINER, CABOTAGEM,
ALUGUEL DE EMPILHADEIRAS,
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
Av. Dos Oitis, 5239 - Distrito Industrial II

Sua diversão garantida nas melhores máquinas de bingo eletrônico da cidade. E com um pouquinho de sorte... hum!!! Você garante muito mais.

Metropolitan

Serzedelo Corrêa, 900 - Telefax: 242-0790 - Fones: 224-0094 - 252-1958



Participantes da XXXV Machané Gan Israel

Machané dos sonhos

Aconteceu de 3 a 9 de julho a XXXV Machané Gan Israel do Grupo Kadima. Denominada a "Machané dos Sonhos" pelos madrichim, este ano o evento foi realizado no Hotel Baraúna das Alamedas, em Belém. A Amazonia Judaica esteve lá e comprovou tratar-se de um belíssimo lugar, com infra-estrutura adequada e principalmente, com paisagens lindíssimas. Realmente um sonho! Vale também destacar, que o empenho dos organizadores da machané, fez com que o número de chanichim

inscritos, chegasse a um novo recorde - 55 e ainda com a tsevet, composta de 18 jovens, entre madrichim e pts, encontramos no local mais de 70 jovens de nossa comunidade. Chazak Ubaruch Kadima!!!

Ps.: Vale frisar aqui, a grande colaboração do amigo do Ishuv, Sergio Maneschy, que conseguiu junto ao Governo do Estado, o transporte em dois belíssimos ônibus, para os participantes da Machané. O Grupo Kadima agradece.

Inauguração

O empresário e publicitário Leão Azulay inaugurou no dia 26 de junho último, a TV Aeroporto. Com um belíssimo coquetel no Aeroporto Internacional de Belém, Leão recebeu seus convidados para oficializar a inauguração do canal interno de TV do Aeroporto. Assim como nos grandes aeroportos do mundo, agora Belém também possui, um atrativo a mais para milhares de passageiros que trafegam no aeroporto. Mazal Tov Leão!

Nova sede em construção

→ Já estão a pleno vapor, as obras para a construção da nova sede do Beit Chabad de Belém. No projeto, após a conclusão da obra, a sede deverá dispor de uma pequena Sinagoga, um Salão de Eventos e uma Escola.

Escola de Dança resgata folclore

→ Aconteceu na sede campestre da Assembléia Paraense, no dia 26 de junho (quarta-feira) o espetáculo de dança "Nosso Pará". Após minucioso trabalho de pesquisa realizado pelo corpo docente da Escola de Dança "Ana Unger", foram apresentadas 31 coreografias inéditas que resgatam o folclore da nossa região. Cerca de 500 alunos participaram do evento, com público superior a 2500 pessoas, com destaque para a decoração, com motivos regionais de muito bom gosto.

**S
E
R
V
I
Ç
O
S**

O AZUL DO NOSSO GÁS !



FOGÁS
CONFORTO, SEGURANÇA E QUALIDADE



**Central Disk
Gás**
0800 92 9292



Marcos Elias com os pais Eliana e Alberto, no dia de sua Milá

Brit-Milá I

Com o chorinho de Marcos Elias, Alberto Soares e Eliana Pinto Soares são só sorrisos. Eles também realizaram, no

último dia 28 de junho na Sinagoga Shaar Hashamaim, o Brit-Milá do mais novo integrante da família. Felicidades a todos.

Brit-Milá II

Aconteceu no último dia 27 de junho na residência dos avós José e Clara, o Brit-Milá de Daniel Salomão, filho do casal Ana Clara e Jacob Athias.

Por ter sido realizado em dia de jejum (17 de Tamuz) a recepção aos convidados foi realizada no final do taanit. Mazal Tov!

A lição do mestre continua viva

É claro que a leitura da Amazônia feita por Samuel Benchimol, não é aceita com unanimidade por aqueles que ainda se interessam pela realidade amazônica, além da extração sem limites da madeira e do minério. Ainda mais que Benchimol situou seu pensamento em uma área que não admite unanimidade, até pela fogueira de vaidades de que esse campus está minado. A aceitação e não-aceitação até contribuíram para mantê-lo na cena intelectual da Amazônia, justamente a área da região que a inteligentsia brasileira menos respeita. Para o público interno (entenda-se amazonense e/ou amazônico) esse consumo não foi menos conspícuo. Samuel Benchimol cumpriu o destino dos que ousam dizer o que pensam a partir da província, de uma forma pioneira, apontando os elementos que podem constituir a face social e cultural dos homens do rio, da rua ou da floresta, preferivelmente homens presentificados nesses três elementos. Benchimol escreveu mais de cem títulos tentando decifrar esse enigma dessa esfinge que faz da Amazônia ora



um paraíso, ora um inferno, ora um bazar de recordações exóticas. Sua resposta, sempre, foi: o homem. E o homem também é um enigma. Cumpre agora entender melhor a sua obra. Porque é mais fácil fazer do homem um herói, do que entender o seu esforço de desfazer todo heroísmo. A lição e a obra do mestre continuam. Como um enigma. Cumpre decifrá-las. E com urgência.

Publicado no Jornal Amazonas em Tempo



Amazônia está de luto

Na manhã do último dia 5 de julho, vítima de câncer no pulmão, faleceu o sociólogo, economista, empresário, advogado e escritor Samuel Isaac Benchimol com a idade de 79 anos. Samuel Benchimol era casado (Mery), tinha dois filhos (Jayme e Nora) e quatro netos (Denis, Ilana, José e Rebeca).

Com o falecimento do professor emérito da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Amazônia perdeu um de seus mais ilustres intérpretes. Entre

suas obras podemos destacar: "Eretz - Os judeus na Amazônia", "O cearense na Amazônia", "A Amazônia, a guerra na floresta" e outras. O amazonólogo, como passou a ser conhecido Benchimol, sempre se preocupou em destacar temas ligados a Amazônia e como brilhante judeu que era, sua obra "Eretz Amazônia" é hoje referência nacional para o estudo de nossas origens na região.

→ Fonte: Jornal A Crítica